

Resultado de pesquisa divide opinião de atletas

MAURÍCIO ZÁGARI

O artilheiro Túlio não hesita: se a cabeça começa a doer durante os treinos de cabeceio é sinal que está na hora de parar. O centroavante do Botafogo já sentiu dores de cabeça numerosas vezes durante os treinamentos devido às testadas na bola. Ele assegura que a dor dá o alerta para trocar imediatamente de exercício. Mas esse não é o caso do atacante Gaúcho, conhecido como exímio cabeceador:

— Se essa pesquisa estiver

correta, tenho pouco tempo de vida, estou morto — brinca.

Gaúcho, de 30 anos, garante que costuma dar entre 200 e 300 cabeçadas na bola durante os treinos, duas vezes por semana. Ele afirma que nunca sentiu nenhuma dor ou sensação incômoda na cabeça. Gaúcho conta que dá mais de 500 cabeçadas nos dias em que joga futevôlei, esporte que pratica com frequência. O jogador mostra-se descrente em relação ao estudo, cujos resultados afetam principalmente os grandes cabeceadores, como ele e Jardel, do Grêmio.

Mais cauteloso, Túlio afirma acreditar que a pesquisa tenha validade. Ele reconhece que nunca gostou de cabecear, com receio de possíveis lesões, seja no choque com a bola ou com outros adversários:

— Todo esporte que inclui movimentos de cabeça apresenta riscos de modificar as funções cerebrais. Estou sempre alerta quanto a esse perigo e só cabeceio na boa, na hora do gol.

O capitão da seleção brasileira na Copa de 1970, Carlos Alberto Torres, concorda com Gaúcho. Saudável aos 51 anos, 13 depois

de ter abandonado os campos como jogador, afirma que a prática desmente o estudo.

— O melhor cabeceador que conheço é o Pelé. E ele está cada vez mais inteligente e jovem — contesta Carlos Alberto.

O atual técnico da seleção da Nigéria diz que não acredita que a pesquisa vá provocar mudanças nas regras do futebol ou no estilo dos jogadores:

— Na hora do gol ninguém quer saber: mete a cabeça na bola e parte para o abraço — conclui Carlos Alberto.